

REUTERS

O candidato republicano à Casa Branca, Donald Trump, e o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, se reuniram ontem em Nova York em meio a um clima tenso devido às duras críticas da magnata à ajuda dos EUA à Ucrânia em sua guerra contra a Rússia. Em pronunciamento à imprensa após o encontro — um dia depois de Zelensky se reunir com o presidente Joe Biden e com o vice-presidente e candidata democrata, Kamala Harris — Trump prometeu acabar com o conflito caso vença a eleição em novembro, sem detalhar como.

— Esta é uma guerra que nunca deveria ter acontecido

e nós a resolveremos — disse o republicano. — É um quebra-cabeça complicado (...), são muitas mortes.

Trump disse que "aprendeu muito" durante a reunião, afirmando estar disposto a conversar novamente com o líder ucraniano, que o convidou para uma visita a Kiev. No entanto, manteve o posicionamento ambíguo sobre a solução ideal para acabar com o conflito, afirmando que um "acordo que seja bom para ambos os lados pode ser alcançado".

Zelensky, por outro lado, disse que era "preciso fazer tudo para pressionar" Putin a parar a guerra, afirmando que quer ver "uma paz justa".

Antes do encontro, de cerca de uma hora, Trump escalou o



Encontro tenso. Zelensky e Trump se cumprimentam após reunião que durou uma hora, boa relação com Putin

com o presidente russo, Vladimir Putin. Em resposta, Zelensky disse que ambos defendiam o fim do conflito.

— Espero que tenhamos relações melhores — reagiu o ucraniano, visivelmente chateado. — Concordamos que a guerra na Ucrânia deve acabar.

#### ELOGIOS À INVASÃO

No debate com Kamala Harris, no mês passado, Trump se esquivou quando questionado sobre se torcia pela vitória da Ucrânia na guerra, afirmando que desejava o fim do conflito para "salvar vidas".

Na ocasião, Kamala relembrou a declaração feita pelo magnata um dia após a eclosão do conflito, em 2022, quando disse que Putin era um "gênio" por invadir o país vizinho e aclamou sua estratégia de afirmar que lutaria para tornar parte da Ucrânia "independente".

#### 12 países propõem grupo pela Ucrânia

> Um grupo de 12 países do chamado Sul Global, entre eles China e Brasil — que em maio assinaram o documento "Entendimento Comum entre a China e o Brasil sobre a Solução Política da Crise na Ucrânia" — aderiu ontem, após encontro em Nova York, a um comunicado sobre a guerra no qual anunciou, entre outras coisas, a intenção de criar um grupo de "amigos pela paz, que vise

promover entendimentos comuns para apoiar esforços globais para a conquista de uma paz duradoura" entre russos e ucranianos.

> Os governos da Rússia e da Ucrânia foram convidados e, segundo fontes oficiais, sequestraram por não terem sido consultados sobre a iniciativa de discutir a proposta sino-brasileira em evento paralelo à

#### Assamblea Geral da ONU

> Além de Brasil e China, o texto contou com a adesão de Argélia, Bolívia, Colômbia, Egito, Índia, Indonésia, Cazaquistão, Quênia, África do Sul, Tânger e Zâmbia. O México apoiou o comunicado, mas com ressalvas. Representantes da França, Suíça e Hungria participaram do encontro como observadores, a pedido de

seus respectivos governos. O Brasil foi representado pelo assessor especial da Presidência, Celso Amorim, e pelo chanceler Mauro Vieira.

> O documento negociado ontem declara "profunda preocupação com a hostilidade em curso na Ucrânia e com os riscos de uma escalada", além de "riscos e crises

decorrentes deste conflito, que tem causado repercussões que afetam muitos países, incluindo o Sul Global".

> O comunicado defende o aumento de assistência humanitária e proteção de civis, mas, em momento algum, condenou nem dos dois países envolvidos no conflito. (Janaína Figueiredo)

12 de setembro de 2024

12 de setembro de 2024

## Um dia para o mundo valorizar a notícia

O GLOBO integra campanha 'Escolha a verdade', que reúne entidades jornalísticas de mais de cem países e marca o World News Day, hoje, com o objetivo de combater a desinformação que ameaça a democracia

#### WORLD NEWS DAY

Com o objetivo de combater a desinformação, centenas de organizações jornalísticas, associações de meios de comunicação e cidadãos de mais de cem países uniram forças para destacar a importância do jornalismo profissional baseado em fatos, na campanha "Escolha a verdade". A iniciativa marca, hoje, a edição deste ano do World News Day (Dia Mundial da Notícia). Ela conta com a participação do GLOBO, que publica dois artigos sobre o assunto. Na página 3, Marcelo Rech, presidente executivo da Associação Nacional de Jornais, assina o primeiro. Abaixo, Maria Ressa, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz de 2021, e Branko Ristic, cofundador do jornal sul-africano Daily Maverick e criador da campanha deste ano, são os coautores do segundo artigo.



Compromisso com a verdade. Durante a pandemia de Covid-19, eficácia das vacinas foi contestada, em uma ampla campanha de desinformação nas redes

O World News Day é organizado pelo Fórum Mundial de Editores da Associação Mundial de Jornais e pela Fundação Canadense de Jornalismo. O objetivo da cam

panha deste ano é enfatizar o compromisso dos jornalistas, em todo o mundo, em relatar os fatos. Ao mesmo tempo, ela reconhece o desafio do público de navegar num am

biente de informação tríplice, inundado de desinformação de todos os tipos. Todos os participantes convidam seus leitores a dar apoio aos meios de comunicação confiáveis.

— A sociedade precisa estar ciente de que escolher a verdade é o melhor para todos. Cidadãos bem informados fazem escolhas melhores nas democracias —

afirma Alan Gripp, diretor de redação do GLOBO.

A campanha também funciona como alerta sobre o perigo representado pelo abuso das tecnologias que permitem divulgar informação em larga escala e em tempo real. Um influenciador, artista ou político popular nas redes sociais consegue espalhar quase instantaneamente qualquer tipo de informação ou conteúdo como se fosse notícia, mas sem o compromisso que a imprensa profissional mantém com a verdade. Preocupado apenas com seus interesses individuais, por vezes lesivos à sociedade, não checa antes se é fato ou boato — e a mentira se espalha. Os danos à democracia podem ser imensos.

Só no jornalismo profissional o cidadão bombardeado por postagens fraudulentas e mal intencionadas encontra uma referência confiável para entender com clareza o mundo em que vive e tomar suas decisões pautado pela verdade.

#### ARTIGO

## A alegria da verdade compartilhada

Jornalismo tem o dever perpétuo de defender os valores evidentes sobre os quais nossa civilização foi construída

MARIA RESSA E BRANKO RISTIC

Cantos leitores, cidadãos, companheiros de Humanidade.

O ano de 2024 está testando nossas sociedades modernas de maneiras que esperávamos que nunca se repetissem. Ao redor do mundo, regimes autoritários e potenciais ditadores desafiam liberdades que atravessam fronteiras, raças e religiões. Conflitos modernos se espalham por todo o globo e são travados com um volume de informações enaguadas em seu alcance poder. Novas tecnologias e as plataformas que elas habilitam nos campos de batalha onde nosso futuro é decidido — muitas vezes sem nossa permissão e contra nossa vontade.

Nesse turbilhão, é o jornalismo, baseado em fatos e evidências, que tem o dever

permanente de defender os valores sobre os quais nossa civilização foi construída. Em todo o mundo, são os jornalistas que vivem a responsabilidade de honrar esse vínculo sagrado com nossas audiências e comunidades.

Em troca, sentimos a alegria em ter a verdade compartilhada — com você.

Esses momentos especiais — quando histórias jornalísticas salvam vidas, aumentam a compreensão que temos uns dos outros e nos guiam em tempos difíceis — muitas vezes se perdem na avalanche de desinformação que destrói a confiança. Eles fundamentam nossa capacidade de viver juntos. Até o próprio significado da verdade está sob ataque.

Em todos os lugares, o jornalismo luta para manter seu lugar e sua relevância para nossas comunidades.

E, para um número alarmante de organizações de notícias, a existência diária equivale à luta pela sobrevivência.

De fato, estes são tempos extraordinários — preocupantes para qualquer um que se importe com as pessoas, com a civilização e com os regimes democráticos que tornaram tudo isso possível.

E, ainda assim, estes dias conturbados também são, ao mesmo tempo, empolgantes e fascinantes. Não, jornalistas ao redor do mundo, nos momentos em que sistemas desmoronam e verdades fundamentais estão sob pressão, devemos mostrar que somos feitos de uma matéria mais forte; do tipo que pode resistir a campanhas de desinformação, a ataques sustentados e a uma inundação de mentiras.

Nossos modelos de negó

cios ruíram sob a pressão das lig techs. A verdade em si é relativizada diariamente; o que antes era um entendimento comum da realidade hoje é muitas vezes suplantado por interpretações que não são sustentadas por fatos.

Em muitas situações, o próprio uso da palavra "verdade" carrega o significado de mentira.

Esses não são ataques aleatórios ou acidentais. Fazem parte da cruzada contra nosso sistema de valores, nossa compreensão básica do que é bom e ruim. Sem nosso sistema de valores, e se não pudermos distinguir o certo do errado, não temos civilização.

No Dia Mundial da Notícia, 28 de setembro, nós, organizações de mídia de todo o mundo, damos a você a oportunidade de reafirmar nosso compromisso inabalável com as no

tícias, com os fatos, com a responsabilidade, com o serviço público, com a humanidade, com o escrutínio, com a independência, com a ética e com a comunidade. Essas palavras têm um significado profundo.

Elas importam para nós.

Só há uma escolha pela frente: nós, o jornalismo, continuaremos a cumprir nosso dever sagrado. As notícias que reportamos continuarão baseadas em fatos. Defendemo-nos a verdade.

E queremos assegurar a você, caro leitor, que é nossa intenção manter as coisas desse modo. Não nos cansaremos e não desistiremos. A batalha pela verdade é a batalha pelo nosso futuro comum.

Para nossos colegas em todos os lugares do mundo, nesta fase conturbada da história, não se desespere. Vocês não estão sozinhos.

Nossa missão não une. O barulho e a violência eventualmente diminuem, e o discurso baseado na verdade e na decência retornará. Pode não acontecer em breve, mas acontecerá em algum momento.

Por ora, leitores. Cada momento de cada hora de cada dia.

Neste Dia Mundial da Notícia de 2024, vamos garantir que nunca esqueçamos por que, antes de mais nada, estamos aqui. E vamos ajudar a manter a alegria da verdade compartilhada com nossos leitores, que são nosso norte verdadeiro.

**Maria Ressa**, CEO do Rappler, é ganhadora do Prêmio Nobel da Paz de 2021. **Branko Ristic**, editor-chefe do Daily Maverick, da África do Sul, é coautor do campo de Escolha a Verdade. Este artigo faz parte dos artigos do World News Day.

## Governo argentino nega ser responsável por pobreza

Porta-voz culpou '20 anos de populismo' pelos índices, que atingiram 52,9%

REUTERS

O governo do presidente argentino, Javier Milei, rejeitou qualquer responsabilidade pelo aumento da

comparação com o mesmo período no ano passado.

O índice de indigência, quando uma pessoa vive com menos do mínimo para suprir suas necessidades

os indicadores.

Segundo o porta-voz, dados não divulgados do Ministério do Capital Humano apontam que a pobreza atingiu "picos máximos de



muito mais cirúrgico, área por área — explicou, esclarecendo que, para o governo, "a motosserra não tem fim".

#### MARCA DA CAMPAÑA

Os cortes foram um símbolo da campanha eleitoral de Milei para promover sua política de rigor fiscal.

Tudo o que pudermos cortar, cortaremos até o último dia de nosso governo — enfatizou Adorni ontem. O presidente chegou ao poder em dezembro de 2023.